

BRUNO HONORATO

A BOCA DO MURO



kapulana
editora

Malandro que toca violino

Ei, desatento leitor, você já imaginou um sujeito que sabe as linhas com que se cose, um camaradinho trincado de malícias, manhoso, sim, um malandro que toca violino? Um sujeitinho ataimado, matreiro, mangoso que toca igualmente bem outro instrumento de arco e cordas friccionáveis, sim, violoncelo? Esse malandrêu, molancão, molanguirão chama-se Bruno Honorato. Eh-eh: João Antônio fosse vivo, sim, falo do autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, ah, se João Antônio fosse vivo ficaria de sobreaviso, alerta, ore-lha em pé pensando lá com seus botões abraçados aos próprios rancores: *Apre! Esse chinchorro malandrinho mestre-costurador de palavras mandranas vai me desbancar, vai levar as lampas, me levar de vencida, lançar a barra mais longe do que eu, dia-cho! Ainda bem que já dei, faz tempo, o último arranco, exalei o último alento, fui arrebatado do número dos vivos, ufa!*

Evandro Affonso Ferreira

BRUNO HONORATO

A BOCA
DO MURO

kapulana
editora

São Paulo
2020

Copyright © 2019 Bruno Honorato
Copyright © 2019 Editora Kapulana Ltda. – Brasil

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil a partir de 2009.

Direção editorial: Rosana M. Weg
Projeto gráfico: Carolina da Silva Menezes
Capa e ilustrações do miolo: Mariana Fujisawa,
com colagem digital utilizando fotografias
próprias e de copyright livre, além de imagens
de pixos cedidas por Bruno Honorato.

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Honorato, Bruno
A boca do muro/ Bruno Honorato -- São Paulo:
Kapulana, 2020.

ISBN 978-65-990121-3-6

1. Ficção brasileira I. Título.

20-35474

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

2020

Reprodução proibida (Lei 9.610/98).

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Kapulana Ltda.
editora@kapulana.com.br – www.kapulana.com.br

Para seu Toninho e Dilo Boy,
in memoriam.



Handwritten graffiti on the left wall, featuring stylized, overlapping letters and symbols.

Handwritten text: "10 | 11c"

Handwritten graffiti on the middle wall, including a stylized eye-like symbol and the words "4500" and "8000".

Handwritten text: "dada amara"

Large handwritten graffiti on the middle wall, featuring stylized letters and symbols.

Handwritten text: "01/09/16"

Small handwritten text: "11/11/11"

Handwritten graffiti on the right wall, featuring a stylized face or mask and other symbols.

Handwritten graffiti on the right wall, featuring stylized letters and symbols.

Large handwritten graffiti on the right wall, featuring stylized letters and symbols.

Large handwritten graffiti on the right wall, featuring stylized letters and symbols.

Handwritten graffiti on the bottom wall, featuring stylized letters and symbols.

Handwritten text: "01/09/16"

Handwritten graffiti on the bottom right, featuring stylized letters and symbols.

VIDA:
VC COSPE
OU ENGOLE?



PIXAR É UMA DELÍCIA E PAU NO CU DOS POLÍCIA

A fita é o seguinte, Gordo viu um pico firmeza e chegou com a novidade. Ó, muro branco abandonado, não tem erro. Ali na ponte do metrô, ali onde neguinho faz rapel e se mata. E os ALKIMISTAS na fissura de fazer o corre na mesma hora, o bagulho é vício, na moral. Acabou que foram na mesma semana, bem na sexta, dia de maldade.

Vai vendo, os ALKIMISTAS pegaram o primeiro busão, o segundo e desceram embaixo da tal ponte. Uma calçada esburacada, muito carro e muita moto. Tudo meio cinza e malcuidado. Um rabisco chavoso na parede em frente: EUFORIA * MORTE.

Iam no caminho estreito, subiram a que cruzava e tomaram à esquerda. Ninguém na rua, parecia suave. Um bairro de elite, todo arrumadinho, cheio de árvore. Nada a ver com a quebrada dos ALKIMISTAS.

A noite feia e fria, e o dia inteiro aquele chove-não-molha. Pelo menos a garoa tinha parado. Um dez e pouca da noite, muita nuvem e a lua quase sumindo, só aquele traço pálido que aparecia de vez em nunca. Eles vão trocando ideia, caminhando devagar. Os ALKIMISTAS estão chegando. Mais perto agora. Os ALKIMISTAS chegaram.

A parede era comprida e cercava um terreno baldio. Numa ponta tinha uma guarita abandonada e na outra um poste de luz. O muro branco, para escrever o que quiser. Puta de um achado.

E Gordo se achando, claro. É ou não é? Falei para vocês! E Nina agitada. Gente, que coisa mais linda! Quem vai primeiro? Gordo respondeu que já estava com a lata. Puxou a mochila e ajoelhou perto da guarita. Sacou o galão. Pensa num maluco grande. O alquimista pesava 140 quilos e tinha dois metros de altura, se esticava todo para foscicar. Agora pensa num maluco grande, gordo e folgado. E também malandro e colorido. Pronto. Era esse aí o cara, tipo um herói. Você vai ver.

Gordo abriu bem as pernas que nem um lutador de sumô, lançou ALKIMISTAS, a grife, depois GRAJAUEX, o pixo dele. Rabiscou uma estrela e passou o rolinho para Nina. Eita, que o dedo coça! A pixadora fez um letreiro chapado e pontiagudo, agressivo, ANGÚSTIA. Já é, constou mais um. A vez de Negazul.

De longe, Bonito só observa. Ele mete a mão no bolso, caminha, acende um cigarro. Suavão. Tinha umas latas vazias na guarita, Bonito foi fuçar. A luz entrava pela janela. O vacilão esbarrou na pilha e derrubou tudo. Fez eco. Caralho, Bonito, presta atenção! Um bico acendeu a luz na casa em frente. Os ALKIMISTAS tudo pianinho, passava nem vento. Geral com cara de besta e de apavoro. Mas passou uma cota e o morador apagou a lâmpada, daí aos poucos a confiança voltou. Dá nada não, tio. Pelo jeito não ia dar nada mesmo. Segue o jogo.

Negazul lançou um N espremido e elegante, depois a letra O. Ia ser mais um para conta, mas aí já era. Eles chegaram por trás de Bonito. Polícia, quietinho, mão na cabeça. De onde vieram? Todo mundo pra parede, devagar. Malandramente, Gordo jogou a ponta do baseado no terreno baldio. Só que o outro polícia viu, deu para ler na farda que era o sargento. Se eu tiver que procurar, você tá fudido. Vai, mão na cabeça, abre a perna.

O aviso foi dado pelo rádio. Na ocorrência em Perdizes não tem furto em andamento, só uma molecada pixando. Nina fazia campana para lá do poste, longe da luz e da lei. Aproveitou a chance e despirocou na ladeira, quase capotou virando à esquerda,

na loucura e na vontade. O polícia mais novo fez que ia atrás. O sargento mandou deixar quieto, que a gordinha fosse embora, os outros vão pagar a cota dela. O filho da puta segurava Gordo pelo braço. Quer dizer então que vocês gostam de pixar? Que foi, ninguém vai falar nada?!

Rodar é do jogo, e nele o objetivo é maior, mais alto e mais vezes. E vão te fuder. Porteiro, zelador, cachorro, segurança. Zé-povinho é matado. E quando roda... Sabe como é, cara na parede, costas para a lei. O polícia chama e você responde. Tem passagem? Tem droga aí? Mora onde? Trabalha? Um por um, até que chegou a vez de Bonito. O sargento pisou em seu tênis limpo, roxo e dourado, com meia pegada e sem recuo. Pensa num maluco folgado. E você, seu maconheiro, tem passagem? Bonito não respondeu logo. Inconformado com o tênis, encastrou o polícia. Foi tipo um desafio, tá ligado? Deve ter sido aí que azedou o pé do frango, ou se vacilar foi porque o polícia teve que procurar, e procurou muito, mas não achou droga nenhuma, nem no terreno nem nas mochilas. Sorte, ou azar. Com polícia, vai saber. Sim, senhor. Bonito respondeu e respondia sim a processos por crime ambiental, mandava enquadrar as intimações. Ah, então você é pixador nato? Sabe o que eu faço com pixador, com vagabundo? Ninguém falou um a. É assim? Eu só ajudo quem me ajuda. Padrão. Tira o boné. Fecha o olho. Soldado, dá um trato nesse magrelo.

O polícia molhou o rolinho e passou ele na cara e no corpo de Bonito. O sargento foi trabalhar os demais. Agora vocês vão ter uma aula. Vai, fala. Nunca mais vou pixar a casa dos outros! Ninguém. Ordem repetida. Manda quem pode, obedece quem tem juízo. Quero ouvir! Vai, fala! Gordo e Bonito disseram afinal. Nunca mais vou pixar a casa dos outros! Negazul calada. Você acha que eu tô de brincadeira?! O sargento cuspiu quando gritava. Bafo de café. Negazul rígida. Por acaso, era surda!? Não, senhor, não era surda. Mas eu sou surdo, e eu quero ouvir alto.

Fala!! Nunca mais vou pixar a casa dos outros! Agora sim, agora estava melhor. Tiveram que repetir ainda algumas vezes. A prática leva à perfeição.

Bonito colorido e o sargento cansado da ladainha. Queria variar um pouco. Você, balofo, vem aqui. Você também, magrelo, vem aqui. Faz seu troço feio na camisa dele. Bonito esticou a camiseta para facilitar o pixo de Gordo. O que tá escrito aqui!? GRAJAUEX, senhor. Quem entende? E que porra é essa? Gordo baixou a cabeça com as mãos para trás, sem nada explicar. O sargento quis saber qual era o pixo de Bonito. Ele respondeu BONITO. Quem é bonito? Você!?! O polícia se rachava. Cuzão!

Criativo, o sargento mandou Bonito pintar Gordo. Não queria ver pele nem cabelo, só tinta. Gordo recebeu lata e rolinho. Começou o trampo. É claro que o sargento não tinha esquecido a pirralha, limpa ainda, e folgada ela. Você, morena, que é bonita de verdade, que podia tá em casa namorando, estudando, fazendo o que com esse bando de maloqueiro?

Negazul detestava aquela palavra, morena. Negazul era negra. Não dava para ver? Ofendida, queixo apontado para cima: gostava de pixar. Ah, é? Gosta? Eu amo pixar. Ah, é? Soldado, sobrou tinta nessa lata? Desgraçadamente havia sobrado. A lata foi entregue ao sargento, que protegeu as mãos com um pedaço de papel, inspirou com força o catarro, puxou tudo para a garganta e cuspiu. Misturou bem. Olha, isso aqui é para você nunca mais fazer presepada. E despejou catarro verde com tinta branca na cabeça de Negazul. Comentou enganado que aquela não pixaria mais, chegou até a perguntar. Vai pixar de novo? Ninguém respondeu, mas parece que o polícia ficou satisfeito. Já deu, né? Só que antes de ir fala assim, fica com Deus, bom trabalho. Dessa vez ninguém resistiu. Os ALKIMISTAS desejaram que a lei ficasse com Deus e bom trabalho. Agora, vaza! Some da minha frente, bando de cuequinha do caralho! A garoa voltou decidida, não faltava mais nada. Ou faltava?

O transporte público vai até meia-noite. A volta é a pé. Não fosse o banho de tinta, suave. Para quem é do rolê, São Paulo é galeria. Um sticker aqui, uma tag ali, um grafite naquele muro, uma poesia naquele outro. E, truta, uma porrada de pixo para ver e viajar. Cada trampo uma história. ROMÂNTICOS escalando janelas, ACROBATAS se equilibrando em pontes, BÊBADOS surfando em trens. Como subiram ali? O bico vê, mas não entende. O pixador bate o olho e já entendeu.

Trombaram Nina próximo à fita errada. Tinham se combinado pelo celular. Caminharam mais ou menos uma hora e pegaram à esquerda na saída da via expressa, por baixo de um viaduto. Moravam ali usuários de crack e dois cachorros. Na coluna onde estavam os barracos, dois pixos, SUJEITAS * RASTA BOYS, e um lambe-lambe, CIDADE MUDA NÃO MUDA.

Nina tirou uma foto e postou na rede social, #rolezinho #alkimistas. Tomaram uma avenida principal e periférica. Falavam pouco e alto. Garoa virou chuva. Pneu rasgando a lâmina d'água. E a merda toda é que a tinta era esmalte sintético. Para tirar de verdade, e de boa, o esquema é thinner. Água raz até limpa, só que é treta, mano, tem que esfregar bem e tem hora que nem sai. Se pelo menos tivesse sido látex, firmeza, a chuva não ia formar aquela viscosidade em roupas, cabelos e tênis.

Gordo de cabeça baixa e nariz escorrendo. Os outros ALKIMISTAS espirrando e tossindo. Negazul apontou. Meu, acho que tem alguma coisa aberta lá na frente. Direto e reto. Caminha, caminha, caminha. Avenida, chuva, semáforo. Chegaram ao Fechanunca.

Noite calma, só dois bêbados numa mesa. Bahia na porta olhando o movimento. Valha-me Deus. Que cabrunco fizeram com vocês? Ele ouviu tudo calado. Examinou os ALKIMISTAS. Espera aí. Entrou no bar. Voltou. Aqui, ó: thinner, estopa, sabão, pano seco. Toma, coloca o lixo nesse saco plástico. Quando terminar, o pano você coloca no balde. Limpeza feita na beira

da avenida. O cabelo de Negazul estava visguento, queimado. Depois teve que cortar, perdeu quase tudo, uma cena triste da porra.

Bahia, o cara mais gente fina desse mundo. Macho, agora vamos tomar uma cervejinha? Os ALKIMISTAS beberam. Misturaram álcool e ódio. Engoliram. A primeira noite deles no Fechanunca, bar da cidade onde teriam crédito e mimo, bar da cidade que vai fechar uma primeira-única-exclusiva vez na história. E que noite escrota. E o pior é que tem mais. Vai vendo que o final é cabuloso.



Handwritten graffiti on the top wall, featuring a series of connected, looped, and zig-zagging lines.

Handwritten graffiti on the top wall, featuring a large, stylized letter 'A' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the top wall, consisting of a vertical line with a small circle at the top.

Handwritten graffiti on the top wall, featuring a large, stylized letter 'E' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the top wall, featuring the word "amara" in a stylized font.

Handwritten graffiti on the top wall, featuring a large, stylized letter 'H' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the top wall, featuring a large, stylized letter 'M' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the top wall, featuring a large, stylized letter 'O' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the top wall, featuring a large, stylized letter 'A' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the bottom wall, featuring a large, stylized letter 'M' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the bottom wall, featuring a large, stylized letter 'E' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the bottom wall, featuring a large, stylized letter 'H' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the bottom wall, featuring a large, stylized letter 'A' with a horizontal bar.

Handwritten graffiti on the bottom wall, featuring a large, stylized letter 'O' with a horizontal bar.

Obrigado a todos os pixadores de São Paulo,
que colocam a voz da cidade na boca do muro.



Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines, resembling a stylized signature or abstract text.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines, similar to the top section.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

Handwritten graffiti consisting of a series of overlapping, jagged, and scribbled lines.

○ autor

BRUNO HONORATO gosta de caqui, cachorro e tartaruga. Gosta do Tom Zé e do Tim Maia. Não gosta de jiló nem de imposto de renda. Suas experimentações, que ora começam, juntam design gráfico, arte de rua, caligrafia e literatura. É disperso, mas obstinado. Tem medo de avião.

Nasceu em 1983, no Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense. Cresceu em São Paulo, ama São Paulo, cidade que foi musa de seu primeiro livro, *A boca do muro*.



BRUNO HONORATO

Brasileiro, tradutor, artista e dono de bar. Ama literatura desde sempre. Começou a escrever depois de uma visita ao Inhotim, em 2016. Participou de oficinas literárias e foi selecionado para o CLIPE 2018, curso promovido anualmente pela Casa das Rosas.

Em 2019, com *A boca do muro*, seu primeiro livro, venceu, na categoria “Romance”, a segunda edição do concurso “Seja Nosso Autor”, da Editora Kapulana.



“A parede era comprida e cercava um terreno baldio. Numa ponta tinha uma guarita abandonada e na outra um poste de luz. O muro branco, para escrever o que quiser. Puta de um achado. E Gordo se achando, claro. É ou não é? Falei para vocês! E Nina agitada. Gente, que coisa mais linda! Quem vai primeiro? Gordo respondeu que já estava com a lata. Puxou a mochila e ajoelhou perto da guarita. Sacou o galão. Pensa num maluco grande. O alquimista pesava 140 quilos e tinha dois metros de altura, se esticava todo para foscá-lo. Agora pensa num maluco grande, gordo e folgado. E também malandro e colorido. Pronto. Era esse aí o cara, tipo um herói. Você vai ver.”

Bruno Honorato - *A boca do muro*

ISBN: 978-65-990121-3-6



9 786599 012136

Prata
Noite

DIVERK #

